



Discursos envolventes nas declarações do Papa Francisco
acerca da homossexualidade: construindo identidades na
interface Estado e Igreja

Involving speeches in Pope Francis' statements about
homosexuality: building identities at the interface between
State and Church

Discursos que implican en las declaraciones del Papa Francisco
sobre la homosexualidad: la construcción de identidades en la
interfaz entre el Estado y la Iglesia

Alexandre Ribeiro Emiliano
Secretaria Estadual de Educação/Universidade Federal de Alagoas (SEE/UFAL)

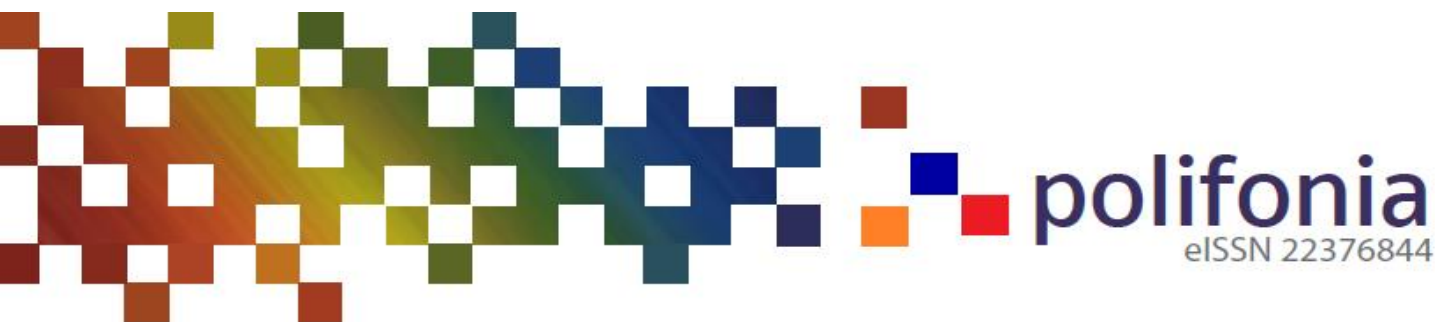
Juliana Oliveira de Santana Novais
Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)

Rita de Cássia Souto Maior
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Resumo

Entendemos, inicialmente, que as discussões sobre a noção de “sexualidade” são tão antigas quanto a própria humanidade e que os debates foram negligenciados e/ou silenciados num campo que continua tensionando significações que podem subsidiar discursos preconceituosos e até de ódio. Preocupando-nos com as narrativas que dão base para ações de violência na sociedade, propomos analisar discursos, chamados envolventes, de uma das instituições religiosas que vem se destacando em rupturas de sentidos tradicionais. Sendo assim, a partir da metodologia interpretativista, analisamos declarações não oficiais do Papa Francisco sobre a noção de “homossexualidade”, correlacionando-as a trechos do Catecismo e de sua Carta encíclica. Dentro da perspectiva de estudos discursivos bakhtinianos e pelo viés de atuação da linguística aplicada da desaprendizagem e da implicação nas redes sociais de sentido, temos o objetivo de descrever discursos envolventes que tensionam as falas do pontífice e o que essas tensões discursivas podem problematizar nos sentidos sociais em construção sobre questões de gênero, especificamente das identidades relacionadas à homossexualidade.

Palavras-chave: Discursos Envolventes, Homossexualidade, Linguística Aplicada Implicada.



Abstract

We understand, initially, that the discussions on the notion of “sexuality” are as old as humanity itself and that the debates were neglected and/or silenced in a field that continues to tension meanings that can subsidize prejudiced and even hate speeches. Concerning ourselves with the narratives that provide the basis for actions of violence in society, we propose to analyze discourses, called enveloping ones, from one of the religious institutions that has been standing out in ruptures of traditional meanings. Therefore, from the interpretivist methodology, we analyze Pope Francis' unofficial statements on the notion of "homosexuality", correlating them with excerpts from the Catechism and his Encyclical Letter. From the perspective of Bakhtinian discursive studies and from the perspective of the applied linguistics of unlearning and the implication in social networks of meaning, we aim to describe engaging discourses that tension the pontiff's speeches and what these discursive tensions can problematize in the social senses. under construction on gender issues, specifically on identities related to homosexuality.

Keywords: Engaging Discourses, Homosexuality, Implicated Applied Linguistics.

Resumen

Entendemos, inicialmente, que las discusiones sobre la noción de “sexualidad” son tan antiguas como la humanidad misma y que los debates fueron relegados y/o silenciados en un campo que sigue tensionando significados que pueden subsidiar discursos prejuiciosos e incluso de odio. En lo que respecta a las narrativas que fundamentan las acciones de violencia en la sociedad, nos proponemos analizar los discursos, denominados envolventes, de una de las instituciones religiosas que viene destacándose en las rupturas de los sentidos tradicionales. Por lo tanto, con base en la metodología interpretativa, analizamos las declaraciones no oficiales del Papa Francisco sobre la noción de "homosexualidad", correlacionándolas con extractos del Catecismo y su Carta Encíclica. Desde la perspectiva de los estudios discursivos bakhtinianos y desde la perspectiva de la lingüística aplicada del desaprendizaje y la implicación en redes sociales de sentido, pretendemos describir discursos cautivadores que tensionan los discursos del pontífice y lo que estas tensiones discursivas pueden problematizar en sentidos sociales en construcción sobre el género. específicamente sobre las identidades relacionadas con la homosexualidad.

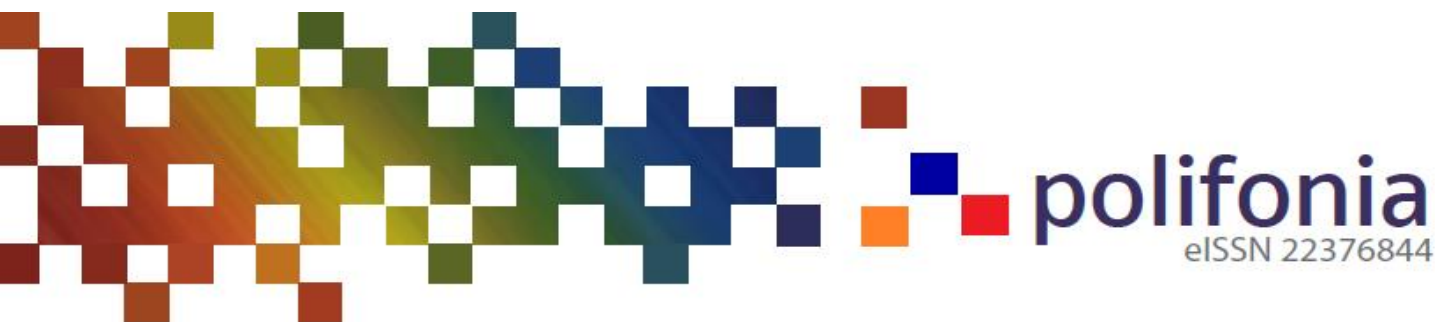
Palabras clave: Discursos que Implican, Homosexualidad, Lingüística Aplicada Implicada

Introdução

"Joga pedra na Geni!
 Joga bosta na Geni!
 Ela é feita pra apanhar!
 Ela é boa de cuspir!
 Ela dá pra qualquer um!
 Maldita Geni! "

(Chico Buarque, em “Geni e o Zepelim”)

Os versos que compõem a canção “Geni e o Zepelim” são do cantor, compositor e escritor Chico Buarque, e fazem parte da trilha sonora de *A ópera do malandro*, peça



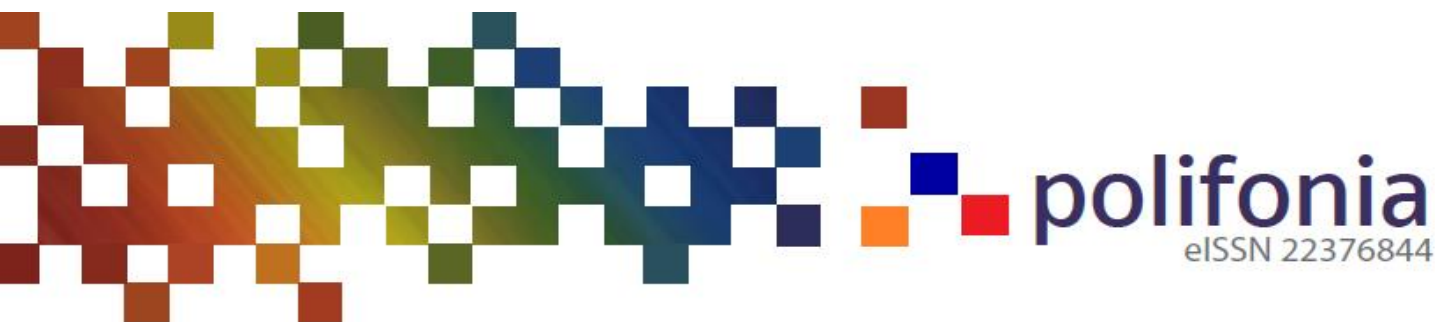
composta pelo autor na década de 70 do século passado. Embora tenha sido musicada há quase meio século, no auge da Ditadura Militar brasileira, a canção permanece, infelizmente, atualíssima, uma vez que retrata uma tentativa de linchamento/assassinato ocasionado por questões de gênero e preconceito (HOMEM, 2009).

Em fevereiro de 2017, a travesti Dandara Santos foi vítima de um crime no Ceará que chocou o país inteiro.¹Ela foi agredida com socos, chutes, pauladas e pedradas. Não satisfeitos, os agressores atiraram a queima roupa, enquanto pessoas assistiam e filmavam a cena de terror. As questões de gênero sempre fizeram parte da nossa vida, da nossa história. Quase sempre marcada por relações de poder e violências, veladas ou não.

As discussões que giram em torno da palavra “sexualidade” são tão antigas quanto a própria humanidade. Não obstante, durante muito tempo, os debates referentes à sexualidade (no singular) foram negligenciados e silenciados (EMILIANO, 2021). O privilégio e a autoridade de falar sobre este assunto eram reservados a poucas pessoas e instituições “aptas” a fazê-lo. Talvez por isso, ao longo da história, a sexualidade foi revestida de “enigma” e de “mistério”, tornando-se assunto proibido em diversos contextos.

Mesmo considerando que a distinção implementada pelas feministas anglo-saxãs é extremamente relevante para o campo das discussões sobre gênero e sexualidade, quando essas discutem *gender* como algo distinto de *sex* (LOURO, 2010, p. 21), vamos usar o termo sexualidade em alguns momentos por conta das remissões lexicais que o Papa faz ao termo, sem problematizar o sentido. Nesse item, concordamos com Louro (2010), quando essa diz que o emprego de gênero retoma aspectos sociais sem negar o aspecto biológico, visto que “o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados”, mas que o uso de *gender* enfatiza o aspecto social e político fundamentais para uma discussão

¹ <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>. Acesso em 23 de março de 2022.



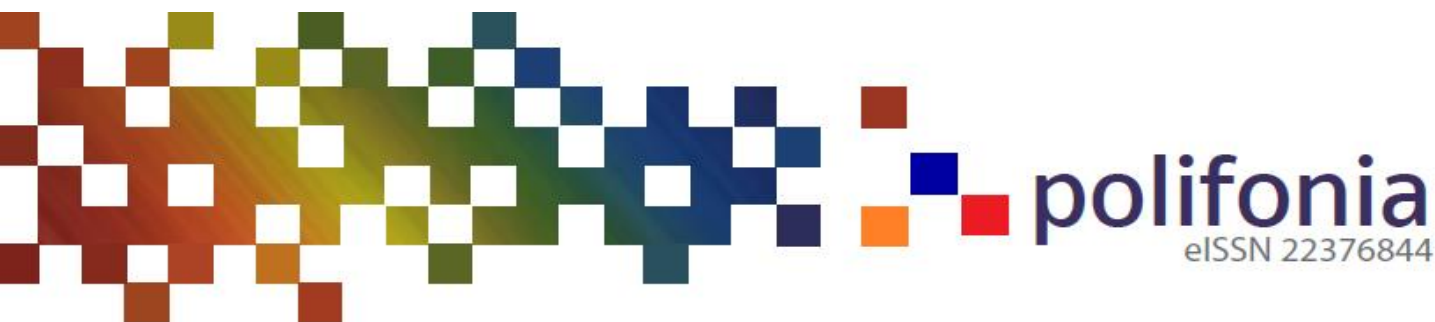
mais aprofundada (EMILIANO, 2021). Logo em alguns momentos talvez precisemos recorrer a este último nas discussões.

Nesse sentido, a partir de pressupostos da Linguística Aplicada (FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2002), mais especificamente da Linguística Aplicada Implicada (SOUTO MAIOR, 2022a; SOUTO MAIOR 2022b), buscamos, neste estudo, analisar declarações não oficiais² do Papa Francisco no que se refere à “homossexualidade”, correlacionando-as a trechos do Catecismo (CNBB, 1999) e à Carta encíclica do Papa Francisco, objetivando descrever possíveis indícios de discursos envolventes que permeiam suas falas e o que esses revelam em relação a sentidos sociais em construção.

Discursos Envolventes, como explicitaremos melhor mais adiante, são ecos discursivos que se repetem nas enunciações, reproduzidas como sentidos dados pela tradição interacional de determinada sociedade que explicitam modos de agir e de significar de grupos, ações, manifestações sociais etc. e que adquirem valor de verdade pela reincidência discursiva. Essa ação metodológica de estudo dentro da área institui uma pesquisa cuja característica de implicação dos pesquisadores/as se configura como ato responsável (SOUTO MAIOR, 2013) nas narrativas sociais. Essas reflexões vão nos impulsionar a pensar em como discussões sobre sentidos de determinadas instituições, como a igreja, podem compor a rede ética de significados sociais.

Para o desenvolvimento dessas considerações, primeiramente será necessário apresentar as discussões teóricas sobre sexualidade e gênero. Para tanto, recorreremos aos estudos de Moser (2001) e Louro (2010; 2015), entre outros estudiosos, oportunamente citados. Em seguida, lançaremos mão da explicitação das noções de discurso (BAKHTIN, 2003, 2005; BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010) e de identidade (HALL, 2006; FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2002; SOUTO MAIOR; LUZ, 2019), com propósito de

² Estamos considerando o termo não oficiais em contrapartida com os textos que fazem parte do cânone da Igreja (declarações, documentos, encíclica etc.).



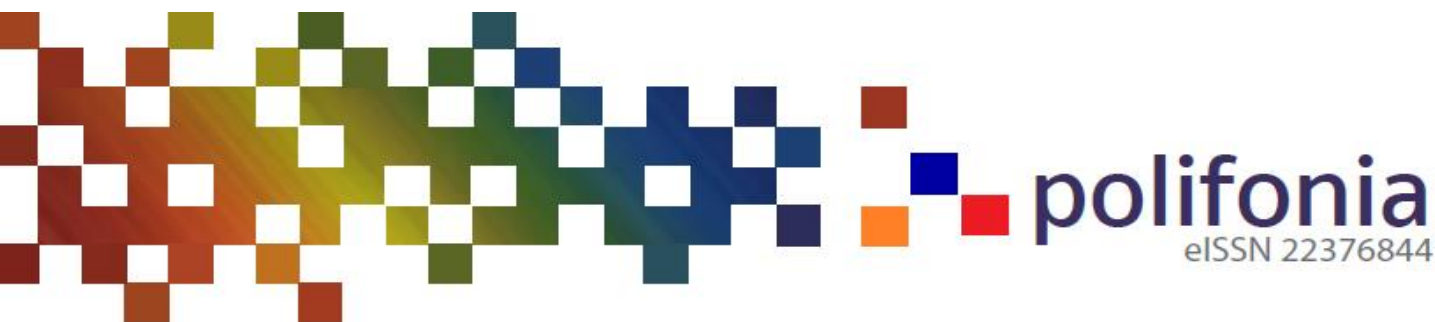
explicitar como a linguagem constitui sentidos e sujeitos nos campos sociais e como a implicação dessa construção podem proporcionar espaços de renovação social. Nossa abordagem de estudo é interpretativa e de base “pesquisa qualitativa” (CHIZZOTTI, 2001), a partir da qual traçaremos os caminhos possíveis para o desenvolvimento e análise discursiva deste estudo. Algumas questões de pesquisa nos inquietam, a saber: Quais são as possíveis implicações de sentidos encontradas dos discursos do Papa Francisco sobre homossexualidade? Em que campos discursivos as declarações do Papa se inscrevem? Que discursos envolventes encontramos nos textos analisados?

A coleta e seleção dos dados deu-se da seguinte forma selecionamos textos que representassem de certa forma uma possível rede de sentidos coesos, mas também de tensões discursivas por serem de espaços sociais diferentes e por serem de também de diferentes gêneros. Dois textos têm a inscrição direta do Papa Francisco sobre o tema homossexualismo, como discursos mais relacionados a gêneros menos complexos, a saber: uma entrevista sua dada de 2013 a correspondentes credenciados em coletiva no retorno a Roma, quando da sua visita ao Brasil, e declarações também suas em documentário de 2020 (AFINEEVSKY, 2020). Os outros dois textos estão no campo institucional mais amplo e oficial, um que é considerado o discurso da igreja, o Catecismo (CNBB, 1999), e o outro é uma carta encíclica escrita pelo Papa, intitulada *Fratelli Tutti* (FRANCISCO, 2020).

Conseqüentemente, desenvolveremos as análises dos dados que compõe o *corpus* deste estudo, apresentando, à guisa de conclusão, no último segmento, alguns dos possíveis resultados alcançados do que foi possível problematizar e analisar.

1. A propósito das noções de gênero e de homossexualidade

Se é verdade que “se há uma presença constante, ao longo de toda história da humanidade é a da sexualidade” (MOSER, 2001, p. 7), também o é que várias práticas e



discursos operam como agentes reguladores dela. Concordamos com Moser (2001), quando esse diz que “poucas palavras se revestem de um potencial tão rico e tão provocativo quanto a palavra sexualidade” (MOSER, 2001, p. 16). Desde os tempos mais remotos, ela sempre exerceu certo fascínio sobre a humanidade e é tema presente nas lendas, na literatura, nos mitos, nas artes, nas ciências e nas diversas religiões (MOSER, 2001, p. 7).

Se no ambiente familiar quase não se falava em sexualidade (e quando isso acontecia era sempre – ou quase sempre – sob as perspectivas machista, heteronormativa e patriarcal), em instituições como a escola, por exemplo, sequer se tocava no assunto, pois esse era um tema reservado às pessoas adultas, apenas (EMILIANO, 2021). Sob essa perspectiva, o conceito de sexualidade era reduzido à reprodução humana, e quaisquer ideias que se insurgissem contrárias às vigentes passavam a ser reprimidas, punidas e marginalizadas, conforme aponta Del Priore (2014).

Nessa mesma linha de pensamento, Louro (2015, p. 9) afirma que a sexualidade “era um assunto privado”, algo que deveria ser falado com pessoas muito íntimas e, preferencialmente, “de forma reservada”. A sexualidade era, a partir desse ponto de vista, dissociada de fatores socioculturais, raciais, geracionais, religiosos, etc.

Se ainda hoje, em alguns contextos, falar das “muitas formas de fazer-se mulher ou homem”, bem como sobre as múltiplas formas de “viver prazeres e desejos corporais” ainda choca algumas pessoas, é sinal de que o debate sobre sexualidades deve ser atualizado e trazido para os espaços de discussão nas universidades, nas escolas e em outros setores da sociedade, uma vez que essas mesmas discussões são “sempre surgidas, anunciadas e promovidas socialmente” (LOURO, 2015, p. 9).

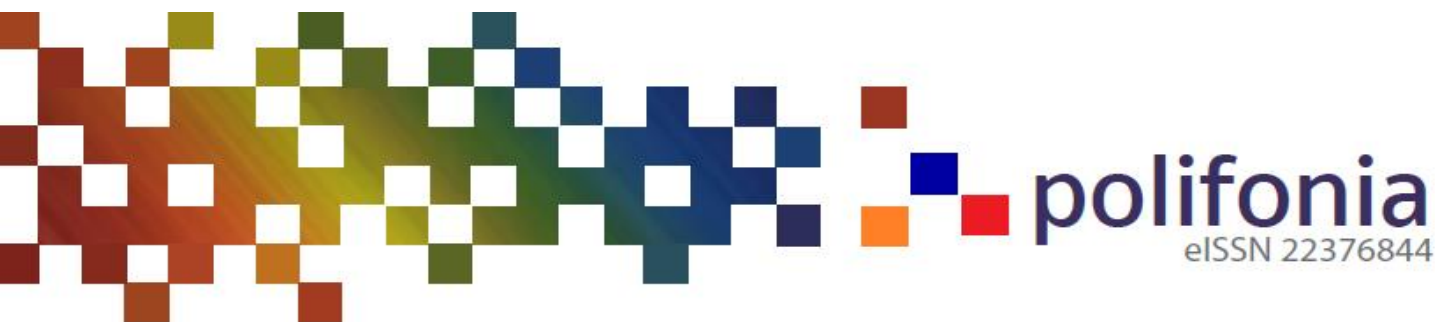
Apesar de ter havido significativas mudanças, essas práticas ainda permanecem na nossa sociedade e são muitas vezes naturalizadas e confirmadas pelo discurso institucional religioso, uma vez que as instituições também estão inseridas na sociedade e reproduzem práticas e discursos que estão presentes nos diferentes meios sociais



(LOURO, 2015). Essas práticas possibilitam que compreendamos o modo homogêneo a partir do qual “as pessoas foram construídas nas práticas discursivas da Modernidade, geradora de muitos padrões de normatividade que nos orientam até hoje” (FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2002, p. 13). No campo da Linguística Aplicada Implicada, os estudos, nesse caso os discursivos bakhtinianos, nos possibilitam além de sistematizar as práticas de linguagem de modo a observamos as redes de sentidos que elas implicam para vivenciarmos um mundo menos ou mais violento, menos ou mais preocupado com a justiça social, estimular a possibilidade de responsabilização dos sujeitos, das instituições, das comunidades etc. na construção desse mundo de vivências implicadas.

Sendo assim, em nossas observações, percebemos que, embora o discurso religioso/institucional sustentado pela Igreja Católica ainda mantenha e defenda uma prática não muito diferente do que tínhamos há cem ou duzentos anos, por exemplo, que ainda exerça controle sobre os sentidos da sexualidade, e que os discursos e práticas produzidos sobre a sexualidade continuam sendo alvo de vigilância e punições, há, ainda que de maneira muito sutil e discreta, uma mudança de registro discursivo e de paradigma de sentidos no atual líder católico, o Papa Francisco, conforme veremos adiante.

De acordo com Louro (2015), para o campo geralmente normalizador da educação (o mesmo podendo também ser dito em relação ao campo religioso), conviver com sujeitos que não se enquadram dentro de um padrão de sexualidade considerado normativo, ou seja, sujeitos da sexualidade desviante (homossexuais, bissexuais, travestis, transgênero, dentre outros), não é uma tarefa que se dá de modo pacífico e respeitoso. Instituições como escolas e igreja sempre puniram os sujeitos que “desafiam as normas regulatórias da sociedade” no que se refere aos comportamentos sexuais (LOURO, 2015, p. 16). A esse respeito, a autora afirma que aqueles que subvertem as normas preestabelecidas socialmente se tornarão “os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição. Para eles e para elas, a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões” (LOURO, 2015, p. 16).



Nesse sentido, a partir das discussões estabelecidas através do viés dos estudos discursivos de uma Linguística Aplicada Implicada (SOUTO MAIOR, 2022a) e das discussões sobre características da pós-modernidade (HALL, 2006), percebemos que alguns comportamentos e atitudes de instituições como a Igreja, já não dão conta de atender às novas demandas, às novas identidades sociais, que estão cada vez mais em evidência e lutam por reconhecimento e tratamento igualitário (LOURO, 2010). Além disso, a própria conjuntura da modernidade do séc. XX apontou para os deslocamentos em relação à noção de “confiança” (GIDDENS, 1991, p. 122). A confiança pessoal, ainda segundo Giddens (1991), tornou-se um projeto a ser trabalhado que requer abertura de um indivíduo para o outro. Ou de uma instituição para o seu outro, seus fiéis. Esses códigos de convivência e de relação com o outro não seriam fixados na tradição, mas trabalhados e deve haver “abertura e cordialidade demonstrados.” (GIDDENS, 1991, p. 122)

Nos últimos duzentos anos, “a sexualidade tornou-se objeto privilegiado do olhar” de diversos campos do saber, o científico, o religioso, o psiquiátrico, o antropológico e o educacional (LOURO, 2015, p. 27). Desse modo, ela passou a se constituir efetivamente como uma questão a ser debatida e considerada no campo da confiança a nosso ver. A partir das mais diferentes perspectivas, Louro (2015, p. 27) observa que a sexualidade vem sendo “descrita, compreendida, explicada, regulada, saneada, normatizada.” Mas, apesar de ter vários olhares voltados para si, a sexualidade e os discursos produzidos sobre ela continuam sendo alvo da vigilância e do controle de sentidos. As formas de regulação ampliaram-se e multiplicaram-se, uma vez que, além das instituições tradicionais como o Estado, as igrejas e a ciência, “outras instâncias e outros grupos organizados reivindicam sobre ela suas verdades e sua ética” (LOURO, 2015, p. 27), como, por exemplo, o grupo LGBTQI+ e as feministas.



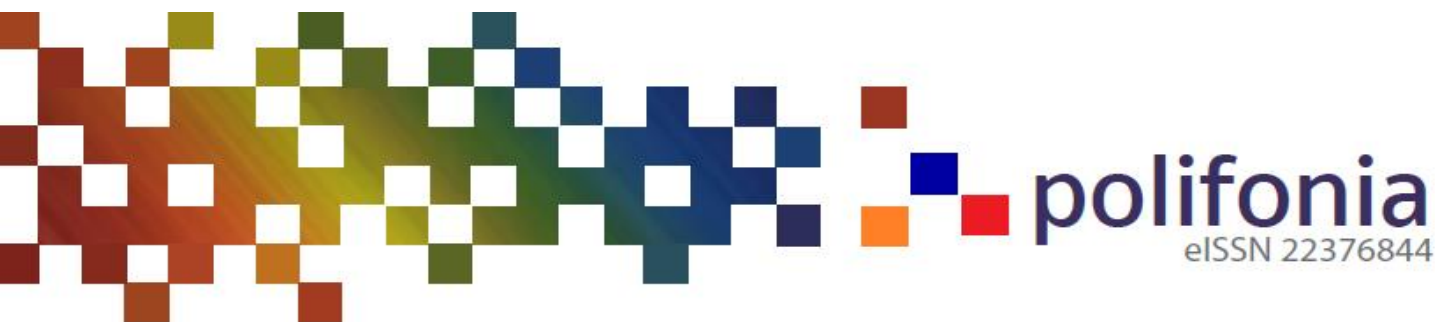
O fato de atualmente as chamadas “minorias” sexuais³ estarem muito mais visíveis certamente torna mais explícita e acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores. Esses embates, assim como outros, também se presentificam no discurso religioso, uma vez que este reflete/refrata os discursos presentes na sociedade (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010), e que os sujeitos que interagem neste ambiente são através da língua(gem) ideologicamente constituída e constitutiva.

Embora alguns setores sociais demonstrem crescente aceitação no que diz respeito à pluralidade sexual, “setores tradicionais renovam (e recrudesçam) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada de valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física⁴” (LOURO, 2015, p. 28).

Esses diferentes posicionamentos merecem, sem dúvida, atenção especial de nós, educadores e educadoras, uma vez que a sala de aula é um lugar privilegiado de materialização desses discursos e práticas que, a partir da postura do professor, podem ou não ser confirmados ou, quem sabe, até mesmo silenciados. A esse respeito, Louro (2015, p. 28) defende que:

³ A expressão “minorias” está empregada nesse contexto como sinônimo de “atribuição valorativa” utilizada por grupos dominantes ao se referir a outros grupos que, a partir de um processo histórico, são deixados à margem, a exemplo dos negros, das mulheres, dos índios e da população LGBTQI+, dentre outros. A partir da década de 1960, esses grupos passaram a questionar teorias e padrões, desencadeando embates, criando “novas linguagens e construindo novas práticas sociais”, conforme apontam Fry (1985) e Louro (2008). Nesse processo político-ideológico, a voz do homem branco, cristão e heterossexual passava, a partir daí, a ser questionada de forma articulada.

⁴ A esse respeito, considere-se o projeto de lei denominado “Escola Livre”, de autoria do deputado Ricardo Nezinho (PMDB – AL), aprovado pela Assembleia Legislativa de Alagoas. O referido projeto tinha como proposta proibir professores/as de se posicionarem em sala de aula sobre quaisquer assuntos relacionados a temas como religião e sexualidade, sob pena de sofrerem advertência ou exoneração do cargo, a depender do caso. Em 18 de janeiro de 2016, sob o pretexto de “proteger as famílias”, a Arquidiocese de Maceió encaminhou uma carta aberta solicitando ao então governador do Estado de Alagoas, Renan Filho, que acatasse e sancionasse o referido projeto. Em agosto de 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF) julgou inconstitucional a referida lei, pondo fim à discussão. Em seu voto, o ministro Luiz Roberto Barroso destacou que “a ideia de neutralidade política e ideológica da Lei Estadual é antagônica à de proteção ao pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e à promoção da tolerância, tal como previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação”.



[...] o grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual esses sujeitos vivem é exatamente a fronteira (LOURO, 2015, p. 28).

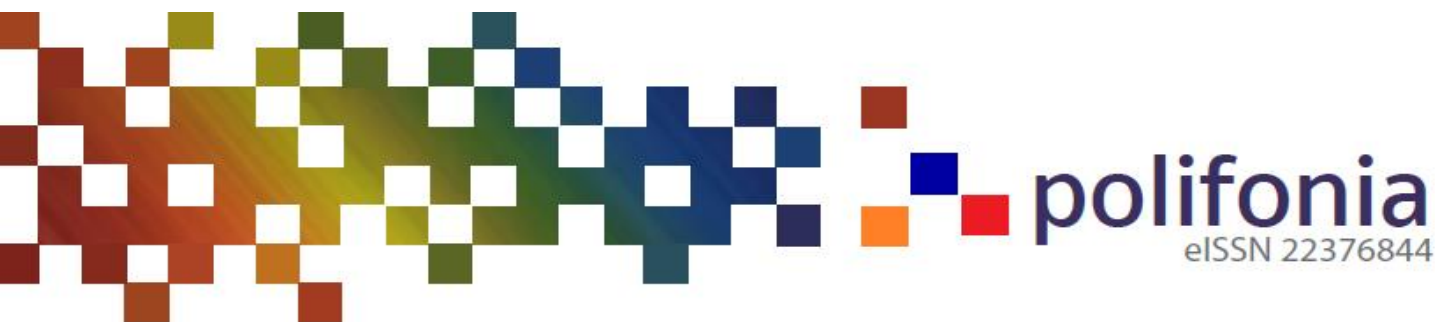
Enquanto sujeitos que vivenciamos esse processo, muitas vezes nos sentimos desestabilizados, perplexos, desafiados por essas e outras questões a que, até pouco tempo, tínhamos respostas aparentemente seguras e inquestionáveis. No entanto, “agora, as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as formas são inoperantes” (LOURO, 2015, p. 28).

Diante disso, não há como negligenciar as novas práticas e os novos sujeitos que, por sua vez, tornam-se “ameaçadores das práticas normalizadoras da educação” (LOURO, 2015, p. 28). É necessário, pois, conhecermos as condições que possibilitam a emergência dessas constituições identitárias e de práticas consideradas renovadoras, uma vez que as posições de gênero e de sexo assumiram-se múltiplas e que suas fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas.

Nesse sentido, as instituições, sobretudo aquelas que lidam com a formação dos sujeitos (escola, família, igreja), e principalmente nós, educadores e educadoras, precisamos repensar nossas práticas e, mais ainda, precisamos nos colocar diante dessas questões como sujeitos que compreendem e acompanham as mudanças sociais, inclusive no que diz respeito às identidades.

2. Constituições Identitárias e sentidos

Desde os anos sessenta do século passado, os debates sobre as identidades e os debates sobre os gêneros vêm se tornado cada vez mais presentes nos meios acadêmicos e da sociedade como um todo, embora alguns setores mais conservadores rebatam e rechacem tais discussões (LOURO, 2015). Como fatores que contribuíram para que essas



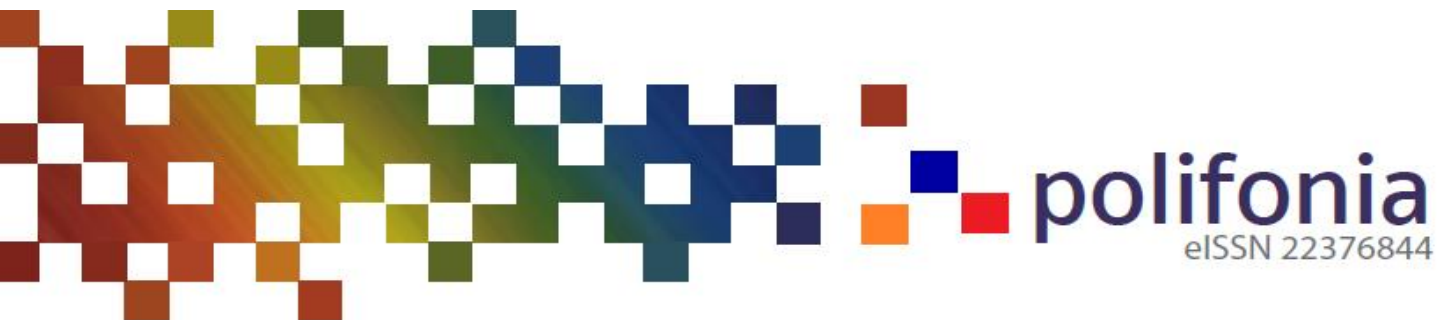
discussões estivessem cada vez mais em pauta, destacamos os movimentos feminista e LGBTQI+. De acordo com Fabrício e Moita Lopes (2002, p. 13), esses:

[...] movimentos sociais de liberação das mulheres, dos negros e dos gays e lésbicas, que nasceram e floresceram no século passado, ao politizarem a vida social e ao questionarem modos cristalizados e antiéticos de desempoderar aqueles historicamente inferiorizados, também têm fornecido contribuição singular para a compressão das identidades sociais (FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2002, p. 13).

Assim, ao trazerem para o centro o que sempre foi tradicionalmente empurrado para as margens – negros, mulheres, gays e lésbicas, dentre outros –, os referidos movimentos tornaram possível a desestabilização dos “direitos intrínsecos” de brancos heterossexuais e homens, mostrando assim que esses mesmos direitos foram e são construídos num permanente processo histórico (FABRÍCIO E MOITA LOPES, 2002).

Nesse sentido, essas posições históricas e sociais devem ser compreendidas como construção e não como um dado “natural” e “normal”, como alguns defendem. Além disso, esses movimentos aos quais nos referimos surgem como principais atores no enfrentamento às ideias normatizadoras e patriarcais, fazendo emergir questões até então pouco discutidas, como a ressignificação de casamento, família, parentalidade e inclusive da própria identidade pessoal e coletiva, conforme apontam Simões e Faccini (2009). No campo da Linguística Aplicada da implicação de sentidos, surgem debates que questionam o pensamento segundo o qual “a família só pode ser formada pela união legal de indivíduos de sexo diferentes, assim como o que impõe como ideal para uma criança viver numa família composta por um pai e uma mãe” (SIMÕES; FACCINI, 2009, p. 11).

Dessa forma, pensamentos ainda muito fechados em um único sentido e ortodoxos que não consideram a heterogeneidade dos sujeitos são questionados quanto às demandas e mudanças nas novas identidades sociais, agora entendidas como fragmentadas e em constante formação, que podem, inclusive, ser contraditórias, conforme aponta Hall (2006). O estudo proposto por este autor aponta que, desde o final do século XX, “as



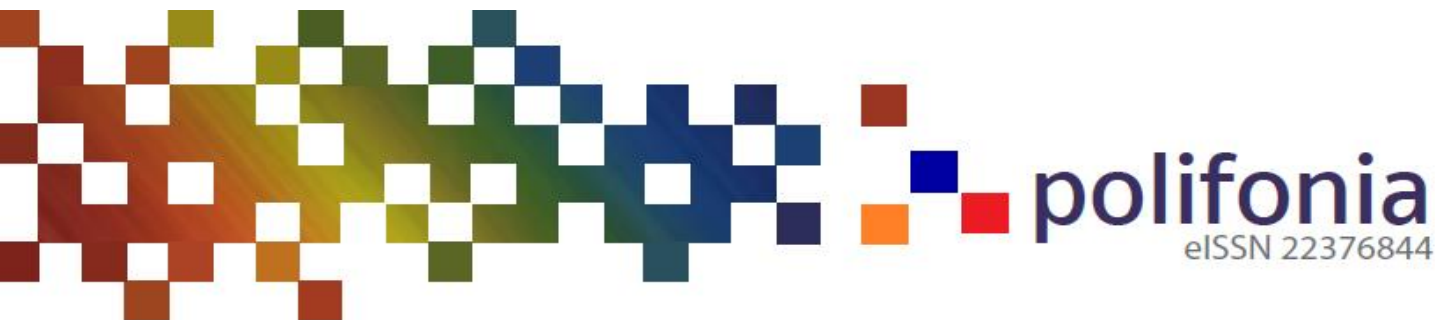
velhas identidades”, que durante muito tempo deram estabilidade ao mundo, estão em processo de declínio, fazendo assim surgir novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno.

Esse indivíduo, diferente do sujeito do Iluminismo e do sociológico⁵, que até então era visto como unificado, pronto e acabado, passa a experienciar uma crise de identidade no que se refere à classe, gênero, etnia, raça, nacionalidade e também sexualidade. Essa crise, no entanto, é compreendida como parte de um processo de mudança pelo qual estamos passando que, por sua vez, funciona como um fenômeno que desloca as estruturas e processos centrais das sociedades modernas. Desse modo, o que era considerado referência e dava ao sujeito um status de uno, completo e acabado entra em colapso (HALL, 2006).

Considerando que nossas identidades culturais vêm do nosso pertencimento a “culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”, devemos considerar que a escola deve não só acompanhar, mas também refletir sobre esses processos de mudanças que acontecem na sociedade e são materializados discursivamente no ambiente de sala de aula. A esse respeito, defendemos, assim como Louro (2010, p. 28), que as construções das identidades, inclusive as de gênero e de sexo, se dão continuamente no processo histórico-social, ao longo da vida.

Souto Maior; Luz (2019, p. 402), destacando o aspecto identitário, dizem que no contexto da sociedade pós-moderna, características como:

⁵ Hall (2006) distingue três diferentes concepções de identidade; a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo baseava-se numa concepção de indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão. Esse sujeito era usualmente masculino. O sujeito sociológico tinha sua identidade formada a partir da interação do eu com a sociedade, sua identidade é compreendida como única e estável. Diferentes desses dois primeiros, o sujeito pós-moderno tem sua identidade fragmentadas, formada a partir de várias outras e, por vezes, contraditórias e não resolvidas, que se empurram em diferentes direções. Neste estudo trataremos desse tipo de sujeito.



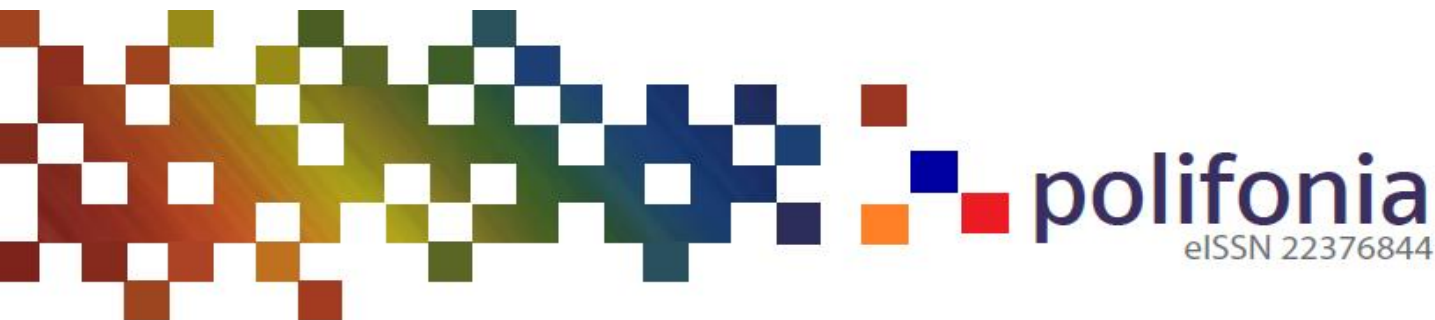
[...] o consumismo exagerado, instabilidade do mercado, transformações e tendências tecnológicas, quebra de fronteiras, motivadas pela globalização e pelo capitalismo, contribuem para as transformações na forma como o sujeito se vê no mundo, dando lugar a uma noção de incompletude (SOUTO MAIOR; LUZ, 2019, p. 402).

Essas autoras compreendem ainda que o aspecto instável da dinâmica das relações humanas faz parte da construção identitária das pessoas e que essas relações se constroem através da linguagem e das redes de sentidos dessa linguagem. Assim, as relações estabelecidas socialmente contribuirão para essa construção, sempre marcada por diferentes valores instituídos pelas trocas de experiências com e através da linguagem, num movimento situado de linguagem e de identidade.

Nesse sentido, as pessoas constituídas e atravessadas por diferentes práticas e discursos vão se construindo como masculinos, femininos ou numa perspectiva não binária. A completude se dá na noção discursiva/social desses encontros num determinado contexto de mundo e de subjetividade em processo. O discurso é fundamental na esteira desse acontecimento identitário. Vamos a seguir discutir a noção de discurso.

3. Discursos e sentidos em construção nos discursos envolventes

Na perspectiva bakhtiniana, os discursos são elos de uma cadeia verbal que se constitui através da alteridade e que se lastreia na dialogicidade. Para Bakhtin/Voloshinov (2010), o signo é ideológico por excelência, ou seja, é por meio dos discursos, que os sujeitos vão constituindo os sentidos do mundo numa rede de tensão discursiva. Esses discursos podem ser do dia a dia (conversas entre colegas de trabalho, diálogo entre vizinhas, discussão em sala de aula etc.) ou podem ser provenientes de espaços oficiais da cultura humana (entrevistas em jornais, instruções normativas de uma instituição, cartilhas em órgãos etc.), não importa em que circuito aconteçam, os discursos compõem



essa complexa rede de significados que Bakhtin chama de interação. Para Bakhtin (2005, p.183), é essa comunicação dialógica que constitui o “verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda vida da linguagem, seja qual for seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística etc.), está impregnada de relações dialógicas”. Bakhtin (2003) diz que nós não existimos numa positividade qualitativa de eu para mim mesmo, mas numa força axiológica do outro, da relação com o outro “enriquecida pelo excedente axiológico da visão para o acabamento transgrediente” (BAKHTIN, 2003, p. 174-175, grifo nosso). Os sentidos vão, assim, nos constituindo e fazendo, por assim dizer, o caminho de nossa vida no mundo.

Na esteira desse movimento compreendemos os discursos envolventes como sentidos dados por uma memória de sentido compartilhado que agrega esquemas sociais de ação e de sentidos entre as pessoas, ou seja, alguma ideia, sentido ou significado que parece “pairar” nas relações sociais e que funcionam como contratos éticos para a vida. Como o entendimento de que é saudável acordar cedo por exemplo. Alguns bons argumentos podem sustentar essa lógica do sentido que comungamos sobre o acordar cedo que vão desde a importância parecer ativo no seu seio familiar (estar na cama até meio dia pode ser associado à preguiça e baixa produtividade por exemplo) até a possibilidade de uma maior produtividade ao longo do dia. Não conseguiríamos extinguir a rede caleidoscópica de sentidos que o acordar cedo enreda, mas podemos compreender que há um sentido que comporta adágio como “Deus ajuda a quem cedo madruga”.

Temos discursos envolventes com “âncoras discursivas” bastante concretas como a do exemplo acima, ou ainda como em “a mulher é mais frágil que o homem”, “não devemos bater em pessoas mais fracas” etc. Mas há também uma perspectiva mais apreendida por um sentido diluído em compreensão não tão ancorada em adágios, frases feitas etc. Sua apreensão vem, como foi dito em Moreira e Souto Maior (2021, p. 128), “pelo conjunto do texto, extraído como ideia geral do que foi explicitado concretamente”. Mas, ainda baseados nesses autores, entendemos que “em ambos os casos, há



possibilidade de reversibilidade entre eles.”

É fundamental compreender que o discurso envolvente é um dispositivo de naturalização de sentidos e funciona como uma forma de trazer uma falsa sensação de concordância com o que está sendo expresso. Essa sensação de familiaridade se dá pela linguagem e como bem diz Louro (2010, p. 65), a linguagem, dentre os múltiplos espaços e instâncias onde se observam desigualdades e distinções, é o espaço mais eficaz e persistente.

Sendo assim, o discurso envolvente reifica, pela repetição e lembrança de sentido dado, várias formas de violência. A familiaridade discursiva pretende fixar sentidos. Segundo Moreira; Souto Maior (2020, p. 128),

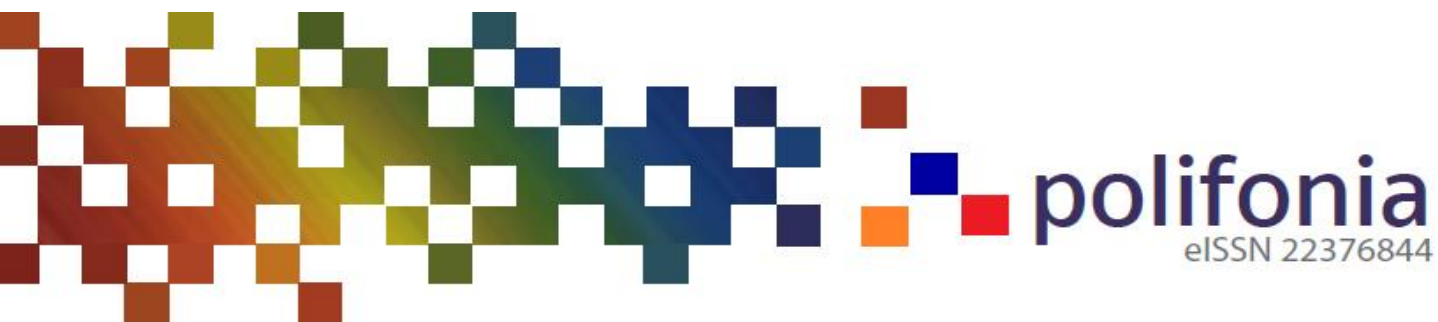
Essa sensação é imanentemente coercitiva, ela de certa forma doma qualquer olhar mais atento sobre algo dito, visto que, se é comum se falar, é porque deve ser verdade. É exatamente essa a estratégia da repetição do discurso, como na metáfora da água que tanto bate até que fura. Frases como mulher é frágil, só é rico quem trabalha, o pecador vai para o inferno ou mesmo suas negativas, são exemplos de discursos envolventes, que têm sentido de já-dito (SOUTO MAIOR, 2020, p. 128.)

Acrescentamos à discussão o entendimento de que não há palavras neutras que não pertencem a ninguém, como pode parecer quando falamos que há trechos que ecoam sentidos sociais como tradição de significados, mas compreendemos que o Discurso Envolvente tem força pela reincidência e “acontece” modificando todo o seu entorno a favor de uma memória de sentido que introjeta pactos éticos no contexto onde ele incide e entre as pessoas do discurso.

No próximo tópico, apresentamos a análise dos textos, conforme anunciamos.

4. O contexto de análise: “Quem sou eu para julgar?” e diversos campos discursivos de atuação

No âmbito das pesquisas discursivas em Linguística Aplicada, compreendemos que os discursos objetivamente concretizados nas interações situadas, entre sujeitos num



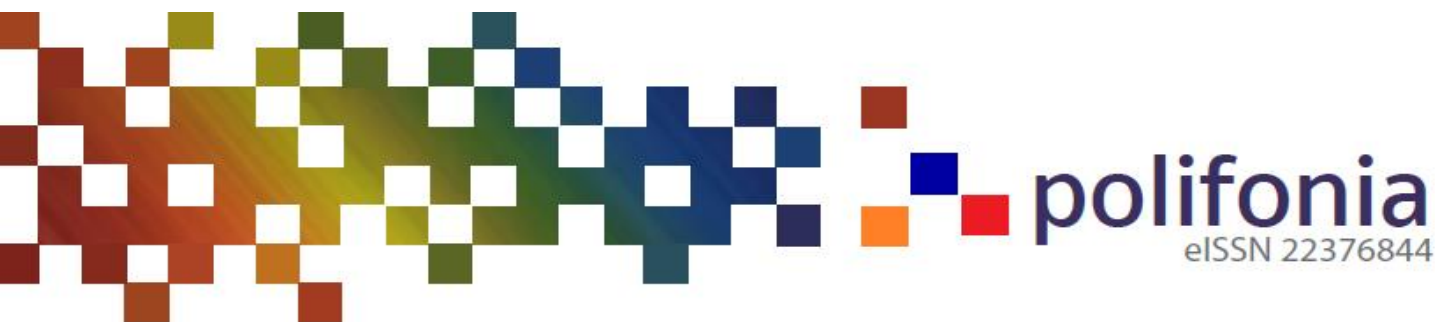
momento de prática social de linguagem, partem de referências discursivas, ou das relações dialógicas, daquela cadeia verbal e podem nos auxiliar a reativar narrativas sobre esse mesmo mundo em pesquisas que analisam as implicações do dito. Essa perspectiva da Linguística Aplicada ratifica ainda mais a característica “implicada” do/a pesquisador/as no campo e o impulsiona a refletir sobre sua ação como um ato responsável. (SOUTO MAIOR, 2013).

Nesse campo de discussão estudar a linguagem e os sentidos implicados na construção de identidades pode ainda nos proporcionar espaços críticos de questionamento de normatizações sociais que reverberam em amarras e violência social de gênero.

O estudo qualitativo (LÜDKE e ANDRÉ, 1986; CHIZZOTTI, 2001; TRIVIÑOS, 2008), nesse viés e pelo aspecto interpretativo da Linguística Aplicada e de uma Linguística Aplicada Implicada (SOUTO MAIOR, 2022a; SOUTO MAIOR, 2022b) que também nos envolve em projetos de ação social, como pesquisadores ativos e da responsividade (SOUTO MAIOR, 2013). Seleccionamos, da entrevista completa concedida pelo Papa Francisco aos jornalistas (em julho de 2013), mesmo ano de sua eleição, apenas o trecho no qual a temática sobre a homossexualidade surge no texto, que foi uma resposta sua a entrevistadora Ilze Scamparini. Também seleccionamos o documentário “Francesco”, de Evgeny Afineevsky, do qual destacamos para análise o trecho em que o Papa volta a abordar a temática supracitada. E, por fim, trechos do *Catecismo* da Igreja Católica e de trecho da carta encíclica *Tutti Fratelli*, de 2020. Adiante seguimos com a análise.

4.1. Lobby gay?

No mesmo ano de sua eleição, quando voltava de sua primeira viagem apostólica, o Papa Francisco concedeu uma entrevista coletiva aos repórteres credenciados junto à



Santa Sé. Dentre outras temáticas, Francisco foi questionado sobre como enfrentaria o chamado “lobby gay”; em face de tal questionamento, em determinado momento de sua resposta, observamos Francisco, colocando-se de uma maneira bastante problematizadora, ao levantar a seguinte indagação: “quem sou eu para julgar?”

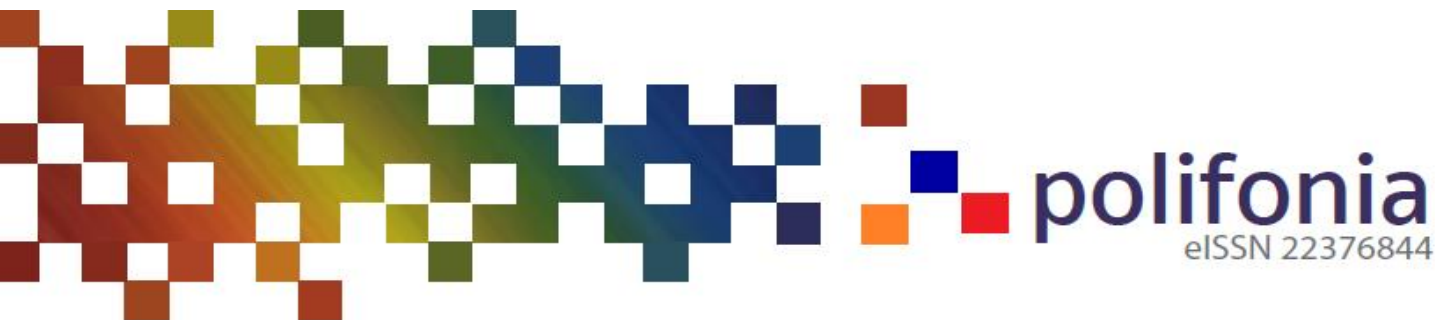
Trecho 1: entrevista concedida a jornalistas, em 29/07/2013.

“[...] *Ilze Scamparini*: Uma outra imagem rodou o mundo. A do Monsenhor Ricca com as notícias da intimidade dele. Como o senhor pretende enfrentar esta questão? E como vai enfrentar o lobby gay?”

Papa Francisco: “Fiz o que o direito canônico pede. A investigação prévia. E não encontramos nada do que acusam. Não encontramos nada. Gostaria de acrescentar uma coisa: vejo que tantas vezes na Igreja se procura os pecados de juventude e se pública. Não os delitos, que são outra coisa. O abuso de menores é um delito. Falo de pecados. Mas se uma pessoa laica ou padre ou freira cometeu pecados e depois se converteu, o Senhor perdoa. E quando perdoa, esquece. Não temos direito de não esquecer, porque se não, podemos correr o risco de que o senhor também não se esqueça dos nossos. É importante uma teologia do pecado. Penso em São Pedro que cometeu um pecado grave, renegou Jesus. E mesmo assim foi feito Papa. Se escreve tanto do lobby gay. Até agora não encontrei ninguém no Vaticano com uma carteira de identidade que diga “gay”. *Se uma pessoa é gay e procura Jesus, e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?* O catecismo diz que não se deve marginalizar essas pessoas, devem ser integradas à sociedade. Devemos ser irmãos. O problema é fazer lobby de pessoas gananciosas, lobby de políticos, de maçons, tantos lobbies. Esse é o pior problema. E agradeço muito por você ter feito esta pergunta” (grifo nosso) (G1, 2013).

Antes de destacarmos trecho do texto acima, fazemos uma referência breve ao nome escolhido pelo Papa, para contextualizar os sentidos identitários próprio de um Papa que se chama por um determinado nome, ao assumir seu papel eclesiástico. O Papa Francisco tem surpreendido o mundo desde a sua eleição, em março de 2013. Primeiro latino-americano a assumir o comando da Igreja Católica, Bergoglio parece querer nos anunciar, desde a escolha do seu nome: Francisco, que pretende trazer mudanças para a bimilenar instituição que, a partir daquele momento, estará sob seu comando.

Como sabemos, faz parte da tradição católica que, depois de eleito pelos cardeais no conclave, o novo Papa escolha um nome para si. A escolha do nome “Francisco” não se deu por acaso e constitui a rede de sentidos aqui analisada, pois São Francisco de Assis,

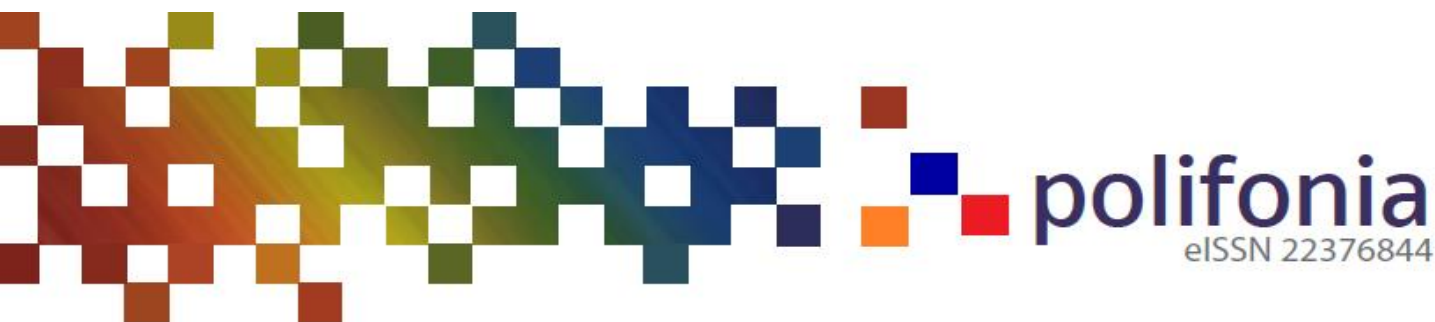


o homenageado por Bergoglio, é conhecido pela abnegação, simplicidade, por ter “reconstruído” e trazido novos ares à Igreja Católica de sua época, marcada pela corrupção e pela decadência do clero. Francisco era também aquele que chamava de “irmãos” a todas as criaturas: sol, água, terra, lua, pedra etc. Ele não assumia uma postura superior por ser humano, mas se via igual a todas as criaturas. Nesse sentido, a escolha do recém-eleito Papa aponta para esse “caminho” que direciona o olhar para o acolhimento fraterno das “criaturas”, sem julgamentos.

Nesse sentido, a escolha do nome institui um certo sentido identitário pretendido que em conjunto com os discursos proferidos encadeiam uma série de elementos que visam a uma intencionalidade discursiva.

Ele, ao dialogar com o entrevistador, retoma o cerne da pergunta: lobby gay e faz uma reflexão argumentativa sobre o termo, aproximando a identidade de gênero a um dispositivo laico de estado que é a “carteira de identidade”. Ele diz: “Se escreve tanto do lobby gay. Até agora não encontrei ninguém no Vaticano com uma carteira de identidade que diga "gay". Se uma pessoa é gay e procura Jesus, e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?

De certa forma, ele faz um jogo discursivo entre o que eu posso ser e o como o estado me reconhece. O discurso envolvente pode ser: “Se não está no documento, não me define.”. O campo discursivo do Estado, do legal, se confunde com o da igreja neste trecho. Esse diálogo da interface que se apoia em documento do gênero oficial de Estado de certa forma também traz a memória discursiva a noção de identificação. Outro ponto de tensão discursiva e de desdobramento discursivo se dá quando o Papa diz que se uma pessoa é gay e procura Jesus [...] “*quem sou eu para julgá-la*”. Nesse ponto, ele é o Papa Francisco, abnegado e altruísta. Como discurso envolvente também há o diálogo com o discurso “Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela. (João 8:7). O pecado se descentraliza no discurso. Não é o pecado, mas quem pode de fato julgar.



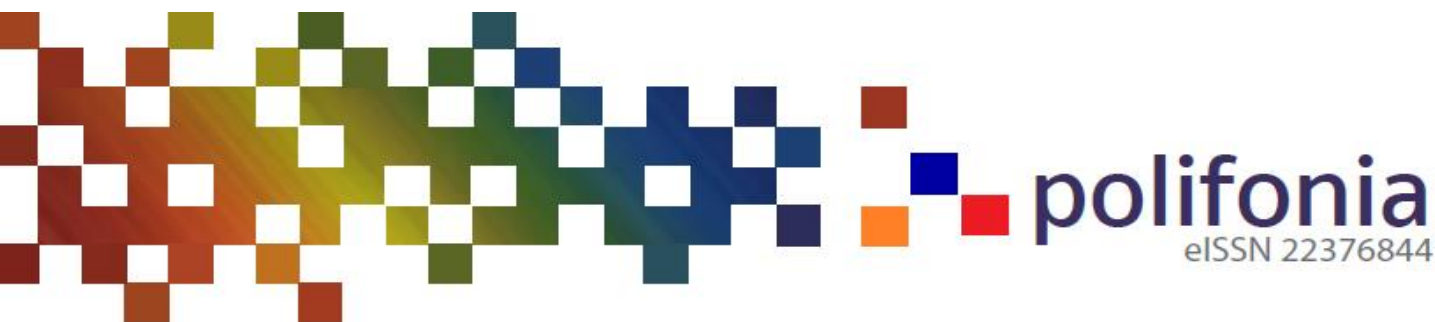
É possível afirmar que a fala do pontífice aponta para uma possível mudança de paradigma dentro do catolicismo? Não necessariamente, observemos que o próprio Jesus faz um movimento discursivo similar ao enquadre observado. Também não é o objetivo deste estudo buscar esses paradigmas de maneiras estanques, como se a linguagem fosse transparente. Mas reconhecemos que há a inscrição de indícios de mudança na expectativa discursiva como renovação. Há, em sua fala de Papa, algo de inédito. Até então, todas as afirmações feitas por seus predecessores, ainda que não oficiais, giravam em torno da reprovação e da condenação da homossexualidade, muito embora o Catecismo da Igreja Católica (CNBB, 1999) afirme que os homossexuais “devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para com eles todo sinal de discriminação injusta” (Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, § 2357-2358). Ainda em relação à homossexualidade, o mesmo *Catecismo* (§ 2357-2358) afirma:

Trecho 2: Catecismo

Os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados. São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum podem ser aprovados. (CNBB, 1999).

O texto do *Catecismo* classifica a prática da homossexualidade como “desordenadas” e a ordem por sua vez, é apresentada como da “lei natural”. O texto supracitado é fundamental para o catolicismo, dessa forma, a resposta dada à jornalista pelo Papa Francisco poderia, num primeiro momento, causar certo estranhamento e quebra dos valores morais da Igreja, uma vez que o Papa deixa claro que, embora a instituição igreja - da qual faz parte e agora é chefe – assuma uma posição radical, ele inscreve-se como o Papa de uma igreja que não julga numa primeira instância.

Conforme afirma Bakhtin (1998, p. 89), “todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada”. Nesse sentido é uma resposta antecipada a uma demanda de uma realidade que se impõe



como questionamento em discursos envolventes como: se a igreja acolhe, por que não acolheria diversas identidades. Giddens (1991, p. 87) considera que, em condições de modernidade, “o futuro estará sempre aberto, não apenas em termos de contingência comum das coisas, mas em termos da reflexividade do conhecimento em relação ao qual as práticas sociais são organizadas.”

Esta mesma postura será reafirmada em outros textos seus, dessa vez oficiais, a exemplo de “Fratelli tutti” (Todos irmãos), como veremos adiante.

4.2. Os direitos

No capítulo “As sombras de um mundo fechado”, da encíclica publicada em 2020, Francisco afirma que:

Trecho 3: Encíclica Todos irmãos

Sem pretender efetuar uma análise exaustiva nem tomar em consideração todos os aspectos da realidade que vivemos, proponho apenas manter-nos atentos a algumas tendências do mundo atual que dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal (FRANCISCO, 2020, p. 13).

Embora a encíclica em questão não trate especificamente de questões ligadas à sexualidade, mas “sobre fraternidade e a amizade social”, encontramos nela um pensamento que aponta para uma abertura ao outro, sobretudo ao “diferente” que, por sua vez, abre caminho para uma defesa acerca da dignidade humana. As noções de fraternidade que se lastreiam no sentido de irmandade nos remete ao discurso envolvente de que “somos todos irmãos.” A encíclica, como gênero do campo religioso, inscreve duplamente o discurso do Papa Francisco no campo religioso, da universalização da irmandade. No documentário, exatamente a 1h06m39s (uma hora, seis minutos e trinta e nove segundos), o Papa fala do direito de estar “em uma família.” Passemos para o trecho citado:



Trecho 4: documentário “Francesco”, em outubro de 2020.
Os homossexuais têm o direito de estar em uma família. São filhos de Deus e têm direito a uma família. O que temos de fazer é criar uma lei de uniões civis. Assim, eles estão legalmente cobertos. Eu apoiei isso (AFINEEVSKY, 2020).

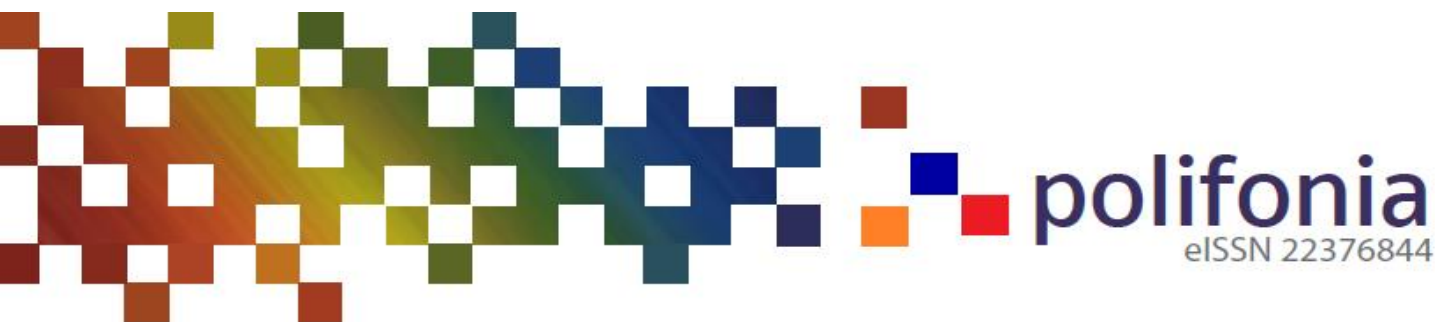
Como vimos, não é a primeira vez que o Papa Francisco se pronuncia a respeito dos homossexuais e também novamente ele faz referência aos direitos sociais e de Estado: “O que temos de fazer é criar uma lei de uniões civis.” Assim como ocorreu com a primeira declaração de 2017, esta, veiculada num documentário exibido em outubro de 2020, novamente parece ter pego de surpresa muitas pessoas mundo afora, cristãs e não cristãs.

O líder maior do catolicismo defendeu que os homossexuais teriam direito à família no campo discursivo do legal. Segundo ele, o Estado deve criar condições legais para garantir união civil entre pessoas do mesmo sexo. Mas há um silenciamento sobre a postura da igreja em relação a direitos também. Suas pautas são sociais e seu discurso se inscreve na intersecção entre a igreja e o estado.

As implicações dessas incursões discursivas são fundamentais a nosso ver para deslocamentos de sentidos sobre o direito de ser e existir dessas identidades nas instituições. Como sabemos, a homossexualidade é considerada prática criminosa em muitos países. Muitas pessoas são punidas e mortas pelo simples fato de serem homossexuais, ou seja, a própria legislação local aprova, permite e executa as mais cruéis formas de violências, na maioria das vezes em praça pública, para que todos vejam e sirva de exemplo. Nesse sentido, cerca de setenta países, em pleno século XXI, ainda criminalizam a homossexualidade.⁶

No Brasil, país extremamente preconceituoso e violento, embora tenha havido significativas mudanças:

⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57641679>



[...] em 2017, a cada dezenove horas, uma pessoa LGBTQI foi morta. Segundo levantamento da ONG Transgender Europe, o Brasil admitiu, entre janeiro de 2018 e abril de 2013, 486 assassinatos de travestis e transexuais; número quatro vezes maior do que os verificados no México, o segundo país com mais registro de casos desse tipo (SCHWARCZ, 2019, p. 198-199).

Como está claro, a declaração do Papa Francisco não se direciona a nenhum país em específico. As mais terríveis formas de violências são uma realidade na vida da população LGBTQI+. E elas não ficam apenas no campo do discurso, o que já seria muito grave; elas deixam marcas nos corpos também.

Embora a declaração do Papa tenha agradado a muitas pessoas, sobretudo aos que defendem os direitos humanos e os movimentos LGBTQI+, ela não faz parte dos documentos oficiais da Igreja Católica, ou seja, não representa seus ensinamentos, seus dogmas no campo discursivo próprio digamos assim.

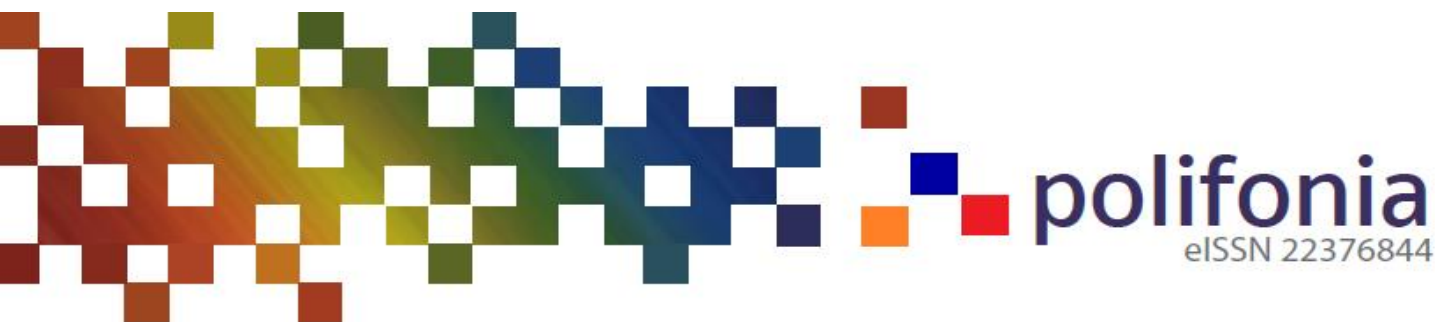
É possível perceber pelo menos dois discursos distintos. De um lado, há o discurso oficial/institucional, aquele previsto no Código de direito canônico, no *Catecismo* da Igreja Católica, nas leis que regem o catolicismo; do outro, um discurso mais humanizado, voltado para os direitos humanos, um discurso de abertura, ainda que não oficial.

Nesse sentido, apontando para uma “abertura”, para uma postura mais acolhedora, mais justa e menos preconceituosa, o Papa Francisco destaca que:

Trecho 5: Encíclica Todos irmãos

[...] Sentar-se a escutar o outro, característico dum encontro humano, é um paradigma de atitude receptiva, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro, presta-lhe atenção, dá-lhe lugar no próprio círculo. Mas o mundo de hoje, na sua maioria, é um mundo surdo (FRANCISCO, 2020, p. 13).

A postura do atual líder da Igreja Católica, e do líder de Estado (do Vaticano), como vimos, diferencia-se do discurso oficial da primeira instituição. Não é à toa que jornais do mundo inteiro noticiaram suas declarações e mostraram como estas repercutiram. Também não é gratuito, o fato de o Vaticano, em declaração oficial, afirmar



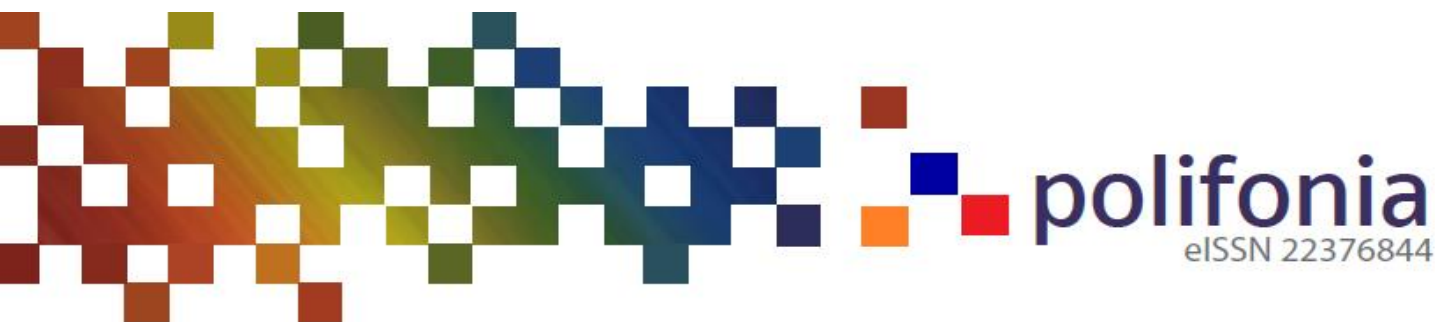
que “[...] o Papa Francisco estava se referindo a certas disposições dos Estados e certamente não à doutrina da Igreja, que ele reafirmou várias vezes ao longo dos anos.”⁷

Identitariamente, o Papa Francisco se constitui como um sujeito de vozes não totalmente autônomas, que se inscrevem nos campos do direito, das ações sociais e da Igreja. Seus discursos são proferidos do campo discursivo religioso, mas o diálogo é com o direito adquirido no campo do Estado. Assim ou ele promove a ruptura de campos discursivos ou se implica pela heterogeneidade discursiva, reclamando para a igreja papel social.

Conclusão

Neste artigo, buscamos problematizar, através da análise de indícios linguístico-discursivos, falas do Papa Francisco no que se refere à homossexualidade, destacando discursos envolventes e construções identitárias. Considerando que “a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais” (BAKHITIN, 2010, p. 42), encontramos em trechos dos discursos do Papa Francisco algumas redes de sentido que apontaram para um possível rumo de mudança de paradigma sobre o tema. Entendemos que os Discursos Envolventes são indícios discursivos de “verdades sociais” que reproduzidas na interação causam uma memória social de “sentido certo” pela reincidência e força institucional que eles têm por estarem vinculados a determinados campos políticos estruturais. As enunciações que causam rupturas desse paradigma de verdade causam deslocamentos de ação e de sentido. Vimos alguns traços de Discursos Envolventes que reforçam modelos tradicionais identitários, mas também alguns deslocam esses modelos. Mostramos como há tensões discursivas que vão do campo

⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/vaticano-diz-que-fala-do-papa-sobre-uniao-de-homossexuais-foi-tirada-de-contexto-24724884>



discursivo do estado ao campo discursivo religioso e que, identitariamente, Francisco se constitui como um sujeito do direito (à família etc.), apesar de religioso.

A importância de considerar as transformações pelas quais a sociedade passou e ainda passa, e que o discurso institucional religioso bem como todos os outros, funciona como agente indicador de mudanças sociais, que contribuem para construção dos sujeitos, fez com que observássemos que as declarações do Papa Francisco, ainda que em veículos não-oficiais da igreja, apontam para possíveis deslocamentos no discurso religioso não institucional.

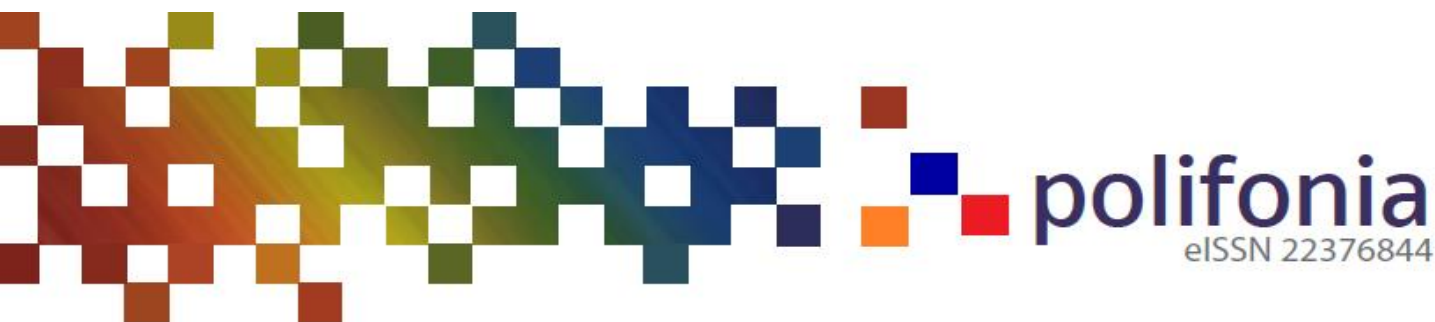
Consideramos também que é importante, e por que não dizer urgente, que problematizemos, que abordemos, que debatamos aberta e amplamente as múltiplas formas de gênero e de sexualidades presentes na sociedade, pois são também nesses mesmos discursos que, muitas vezes, alguns sujeitos e comportamentos são ratificados como “normais, adequados e sadios” em detrimento dos que são considerados “anormais, “diferentes” e “doentes” quanto a seus comportamentos (LOURO, 2008, p. 22).

É preciso refletir sobre esses significados, pois essas diferenças são ensinadas e aprendidas através de processos de relações de poder e construídas “através de processos discursivos e culturais” (LOURO, 2008, p. 22).

Cambiar estruturas, costumes e práticas é muito difícil. Ainda mais quando se trata duma instituição tão antiga e que contribuiu de forma decisiva para construção de pensamentos e comportamentos no ocidente como é o caso da Igreja Católica. No entanto, embora não represente o pensamento oficial da Igreja, as declarações do Papa Francisco apontam, como dissemos, para uma possível mudança em direção a um mundo mais inclusivo, democrático e, por seu turno, de mais garantia às diversidades e aos direitos humanos.

Referências

AFINEEVSKY, E. **FRANCESCO**. Direção de Evgeny Afineevsky. Lisboa: discovery, 2020.



BAKHTIN, M. **O discurso no romance**. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. 4.ed. Trad. Aurora Fornoni, José Pereira Jr et al. São Paulo: UNESP: Hucitec, 1998.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 14°. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) **CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. São Paulo: Loyola, 1999.

DEL PRIORE, M. **Histórias Íntimas: Sexualidade e erotismo na história do Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Planeta, 2014.

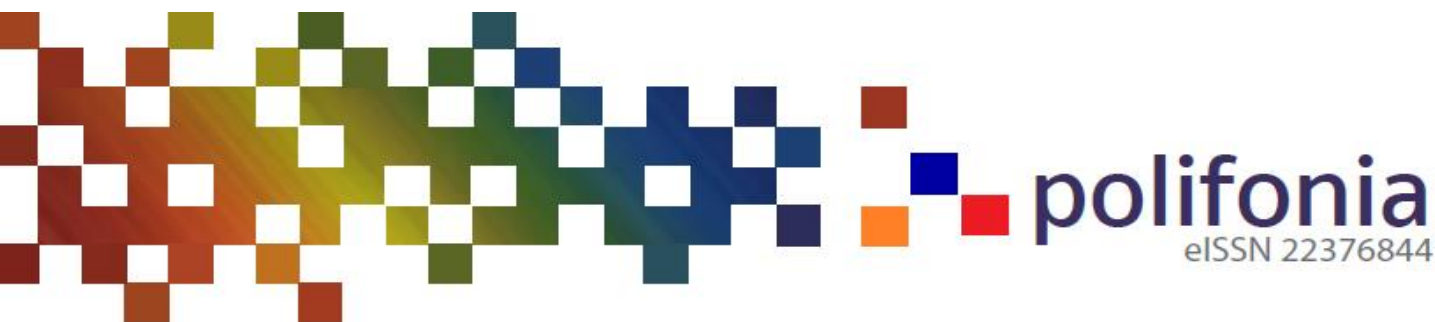
EMILIANO, Alexandre R. **“Quem sou eu para julgar?”: análise das declarações do Papa Francisco acerca da homossexualidade sob a perspectiva da Linguística Aplicada**. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Estadual de Alagoas, União dos Palmares - Al. 2021.

FABRÍCIO, B. F.; MOITA LOPES, L. P. Discursos e Vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora. v. 6, n. 2, p. 11-29, jul. dez. 2002.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social**. São Paulo: Paulus, 2020.

FRY, P. **O que é Homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

G1. **Papa FRANCISCO FALA SOBRE GAYS E GANHA MANCHETES PELO MUNDO**. Matéria publicada em 29/07/2013. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/07/Papa-francisco-fala-sobre-gays-e-ganha-manchetes-pelo-mundo.html>> Acesso em janeiro de 2022.



- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOMEM, Wagner. **Histórias de canções: chico Buarque**. São Paulo: Leya, 2009.
- LOURO, G. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- _____. **Um Corpo Estranho** – Ensaio sobre sexualidade e teoria Queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- _____. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, G. (Org). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- _____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Revista Pro-Posições**, Campinas – SP, v. 19, n. 2 (56), p. 22, maio/ago. 2008.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MOREIRA JÚNIOR, R. dos S., & SOUTO MAIOR, R. de C. As relações dialógicas e os discursos envolventes sobre a condição histórico-social de uma mulher amante. **Bakhtiniana. Revista De Estudos Do Discurso**, 15(4), Port. 122–148 / Eng. 121. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/49383>. 2020
- MOSER, A. **O Enigma da Esfinge: a sexualidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. **Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.
- SOUTO MAIOR, R. de C. Pensamento bakhtiniano nos estudos da linguagem: a ação do pesquisador como ato responsável. **Revista Polifonia (UFMT)**, Cuiabá, MT, v. 20, n. 27, p. 31-53, jan./jun., 2013.
- SOUTO MAIOR, R. de C., & LUZ, L. S. F. *Identidades docentes e a ética discursiva nas interações sugeridas nas consígnias de abertura no contexto da educação a*



distância. **Calidoscópico**, 17(2), 395–413. 2019. Recuperado de <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.172.10>.

SOUTO MAIOR, Rita de Cássia. Estudos Discursivos na Linguística Aplicada Implicada. In: STURM, Luciane e SOUTO MAIOR, Rita de Cássia. (orgs.) **A linguística Aplicada no ensino e aprendizagem e nos estudos discursivos**. Tutóia: MA, 2022a.

SOUTO MAIOR, Rita de Cássia. **A Linguística Aplicada e a implicação na pesquisa: uma leitura bakhtiniana**. Livro comemorativo do PPGL- 50 anos. Prelo, 2022b.

VERDÚ, Daniel. “Papa Francisco apoia união civil entre homossexuais”. *El País*. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-10-21/Papa-francisco-apoia-uniao-civil-entre-homossexuais.html>>. Acesso em 07 de fevereiro de 2021.